**INTRODUÇÃO**

A agressividade existe nas diferentes formas e lugares. Diante de uma sociedade capitalista que gera uma disputa pela relação de poder e sucesso individual. A escola como espaço de aprendizagem formal e subjetiva, através do professor será o ambiente de transformação positiva da agressividade em relações de cooperação.

A agressividade é a pré-disposição de praticar o mal, sendo assim um ato instintivo que sofre influências do meio em que o indivíduo vive (CHARLOT, 2002).

De acordo com Costa (2003),

“A agressividade nasce da violência utilizada para satisfazer os desejos destrutivos do homem e para resolver conflitos de interesses, porém essa violência deve ser domesticada pela ação da civilização.”

No sentido de encontrar mudanças comportamentais para uma formação com uma maior preocupação como respeito sobre a unicidade humana, apresenta-se a necessidade pela busca de novas alternativas que trabalhe o indivíduo desde sua infância.

Kamii et all (1991), diz que

“A competição deve ser trabalhada na infância de uma forma natural, pois a mesma sem limites reforça o individualismo e diminui a auto-estima promovendo a exclusão e conseqüentemente comportamentos agressivos.”

O objetivo desse trabalho é a análise dos jogos cooperativos como incentivo aos processos de socialização através da brincadeira em crianças do ensino fundamental. Diante desta proposta o primeiro capítulo intulado “O papel da escola na formação do aluno”, faz uma reflexão da influência da escola no comportamento dos alunos e conseqüentemente na sociedade. Depois “O surgimento dos jogos cooperativos e suas definições relata como estes jogos tão importantes surgiram e sua relevância para a vida do indivíduo desde a Antigüidade: já o capítulo” A importância dos jogos no processo de socialização” retrata o papel dos mesmos para a formação de caráter crítico e integra do aluno; como este ato simples e tão rudimentar pode trazer mudanças para uma sociedade onde os valores sociais são tão extintos.

O presente trabalho consiste em uma revisão do conhecimento disponível na literatura sobre o tema, sendo selecionados artigos publicados nos últimos anos. Foram pesquisados artigos nas bases de dados Scielo, Medline e Lilacs, além de livros e periódicos relacionados ao tema. Os descritores para busca foram: jogos cooperativos, desenvolvimento social, competição.

**CAPÍTULO 1- O papel da escola no processo de formação do aluno**

 A escola tem papel fundamental na sociedade no desenvolvimento social e intelectual do aluno. Desde sua criação diversos métodos vêm sendo criados, porém há um declínio de formação. Onde alunos das séries iniciais do ensino fundamental nem sabem ao menos ler e escrever. Nota-se um descomprometimento na formação crítica e integra do aluno.

Borsa (2007, p.2) afirma que

“É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem ,aquisição de princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se expectativas, bem como dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades”

A escola tem um compromisso com a Educação, devendo atuar de formar abrangente, não só tendo como objetivo a instrução. Deve manter uma visão procurando avaliar, para melhorar todos os aspectos dos quais o ser humano são constituídos. Deve prover os indivíduos não só de conhecimentos, mas também de idéias, habilidades e capacidades formais, mas também de disposições, atitudes, interesses e melhoras comportamentais. Assim, tem como objetivo básico a socialização dos alunos para prepará-los para sua incorporação na sociedade.

Para Carvalho (2003, p.125) define

“A escola como transmissora do conhecimento, é a que está depois da família em melhores condições de exercer um papel de destaque na formação de valores”.

É na escola que a criança passa grande parte de sue dia, por isso esse ambiente deve acolher, proteger e prepará-lo para os desafios e os obstáculos.

Na escola podem-se perceber inúmeros paradoxos no sentido de interação a qualquer custo, porém ser qualquer investimento em estratégias de organização (FREIRE, 1984).

Quando a criança é inserida no ambiente escolar, inicia-se o primeiro processo de socialização, muitas crianças são filhos únicos, isso faz com que sejam egoístas e desconheçam o compartilhamento de objetos. A escola então vai ser a ponte de ligação para a criança de uma nova realidade constituída desigualdades e divisões sociais.

Bourdieu (1982) considera a escola um sistema conservador que prega os valores da classe dominante, reproduzindo as desigualdades sociais e impossibilitando qualquer mudança profunda no contexto social.

Como falar em mundo sem desigualdades quando se inicia na própria instituição escolar. Um exemplo disso é a divisão de classes. Os alunos desde cedo são levados à exclusão social e o preconceito começa a florir. E isso não parte apenas dos alunos, até mesmo os educadores são preconceituosos e tendem certa preferência por uma turma em relação às demais.

Para Correia (2006), ainda persiste uma forte influência do mito de competição e do processo de esportização escolar, embora os avanços teóricos e acadêmicos na buscas por propostas inclusivas e cooperativas.

No sentido de se encontrar os caminhos para uma educação com maior preocupação como respeito sobre a unicidade humana, apresenta-se a necessidade de co-articular a potencialidade do jogo com o exercício da cidadania (FONTANELLA, 1995).

Kunz (2004, p.125) apresenta

“O esporte ensinado nas escolas como cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria (...) para crianças e jovens em um contexto escolar, é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor.”

De acordo com Soller (2003, p.46),

“A Educação Física não pode servir para separar, não podemos mais compactuar com pessoas que, a título de formar atletas, dividem , separam e excluem todos os que são diferentes, lembrando que esses são os que mais precisam do professor e da atividade proposta.”

**Capítulo 2- Surgimento e definição dos jogos cooperativos**

Os Jogos Cooperativos sempre estiveram inseridos na sociedade, porém começaram a ser mais valorizados na década de 1950 nos Estados Unidos, sendo que competição ganhou ênfase na sociedade moderna quando a riqueza passou a ser controlada apenas por alguns e estes tinham poder sobre os outros. Ainda segundo este autor, na organização social anterior ao surgimento da distribuição do poder, os homens eram eminentemente cooperativos, dividiam mais e não existia quem fosse mais ou menos importante.

“Os jogos cooperativos representam uma prática da vida em comunidade, por isso sua história teve início há milhares de anos, quando membros tribais se uniram para celebrar a vida (ORLINK, 1982).”

BROTTO (2001) destaca alguns povos ancestrais como INUT (Alasca), Aborígenes (Austrália), Tasaday (África), Arapesh (Nova Guiné) e os índios norte-americanos, entre outros, já praticavam a vida cooperativamente através do jogo e outros rituais.

Percebe-se que os jogos cooperativos sempre existiram, pois os povos têm o hábito de manifestar-se através de ritos cooperativos, porém surgiram recentemente da reflexão quanto à cultura ocidental valoriza excessivamente o individualismo e a competição (BALIULEVICIUS e MACÁRIO, 2006).

Os jogos cooperativos no Brasil de acordo com várias literaturas tiveram como principal referência Fábio Otuzi Brotto e sua esposa, Gisela Sartori Franco. Em 1992 criaram o Projeto Cooperação destinado à difusão dos Jogos Cooperativos através de palestras, oficinas, eventos, publicações e produção de materiais didáticos.

O jogo representa uma atividade de preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo, uma forma de manipulação da realidade (HUIZINGA, 1971).

Mello (1989) define o jogo como uma atividade ou ocupação voluntária, que possui características competitivas, onde o real e a fantasia se encontram.

Para Ferreira (2003) é uma atividade física e/ou mental que favorece a socialização, e é realizado obedecendo a um sistema de regras, visando um determinado objetivo.

Cortez (1996) coloca que a sociedade atual é caracterizada por uma disputa exacerbada pelo sucesso individual, gerando alto índice de competitividade. Segundo esse mesmo autor, a escola colabora com essa situação, pois deixa de enfatizar valores como: respeito, solidariedade, ética, tolerância e cooperação nas relações interpessoais.

**CAPÍTULO 3 - A importância dos jogos cooperativos no processo de socialização**

Os jogos cooperativos na escola vêm sendo considerados um novo modelo para a educação escolar, seus benefícios são observados por diversos estudiosos. O jogo é mais que uma simples brincadeira, ele é peça chave para um processo de socialização muito significativo para alunos do ensino fundamental.

“os jogos cooperativos atuam como mediadores da união entre as pessoas, compartilhando e despertando a coragem de assumir riscos, reconhecendo a importância do grupo e estipulando, por meio da convivência, o desenvolvimento da auto-estima, autonomia e cooperação, promovendo a alegria e o prazer (AMARAL, 2007).”

O jogo é necessário e essencial na infância, pois brincando e jogando a criança tem a sensação de liberdade, se soltam, perdem o medo e a timidez. Geralmente é durante os jogos que as crianças despertam o sentimento de amizade ou ressentimento. Daí a importância do professor na busca da cooperação para que esses jogos não despertem a agressividade.

Correia (2007) considera os jogos cooperativos uma atividade na qual são oferecidas aos alunos mudanças comportamentais**.** Para Brougére (1998) o jogo faz parte da instrução ao mesmo tempo em que exercita a inteligência promovendo o conhecimento assim como boas condições físicas. O Jogo propicia um esforço intelectual facilitando o aprendizado e a socialização.

“O jogo influencia no desenvolvimento da criança conferindo-lhe um caráter social favorecendo avanços do pensamento, preparação, análise e o estabelecimento de relações (PIAGET, 1982).”

Os jogos cooperativos desempenham um importante papel no processo educacional dos alunos. É importante e necessário no desenvolvimento intelectual do educando, nos aspectos físico, emocional e na formação de uma consciência social, crítica, criativa, solidária e democrática (CORTEZ, 1996).

O jogo representa uma importante atividade para a construção do exercício social na vida da criança. Independentemente do tipo de jogo, mesmo os que envolvem regras ou uma atividade corporal, dá espaço para a imaginação, a fantasia e a projeção de conteúdos afetivos, mais o menos conscientes, além, é claro, de toda a organização lógica que está implícita.

Boulch (1983) tem o jogo como a experiência vivida do corpo em confronto com o objeto propicia o esboço da primeira maquete do esquema corporal, garantindo uma destreza em relação com seu meio de comportamento, estabelecendo assim associações entre os dados da situação proposta e a experiência pessoal da criança.

O jogo ativa e desenvolvem os esquemas de conhecimento, aqueles que vão poder colaborar na aprendizagem de qualquer novo conhecimento, como observar e identificar, comparar e classificar, conceituar, relacionar e inferir. Também são esquemas de conhecimento os procedimentos utilizados no jogo como o planejamento, previsão, a antecipação, o método de registro e contagem e outros (PIAGET, 1975).

SANGE ( 1994) enfoca que

“Na organização cooperativa das atividades, as capacidades de criação de novos resultados, onde a aspiração coletiva é fomentada e onde os indivíduos aprendem a lidar com as situações de compartilhamento no grupo.”

Falcão (2003) destaca as experiências proporcionadas através dos jogos como guias, que auxiliam no desenvolvimento da autopercepção, do raciocínio e do relacionamento interpessoal, fazendo com que o jogar, sejam praticados simultaneamente movimento, sentimento, pensamento e espiritualidade.

No jogo há ativação de vários níveis de desenvolvimento humano: físico, emocional, mental e espiritual e para isso deve ser adotado como uma pedagogia, recriada constantemente, visando o exercício crítico-criativo (BROTTO, 2002).

Alguns autores destacam para a atenção dos jogos cooperativos para a perda de autonomia e exploração nas relações sociais.

 Acreditam que este coletivismo só existe na escola e que na sociedade isso é muito diferente, porém cabe o professor trabalhar a autonomia e orientar para as diferenças.

Cortez (1996) salienta que os jogos cooperativos não devem transformar os alunos em indivíduos sem autonomia para a tomada de decisões, pois, a realidade social atual vai exigir dele consciência de cidadão para não ser explorado nas relações sociais.

Os JC (jogos cooperativos) criam oportunidades para o aprendizado e interação, baseada na aceitação, no envolvimento e na diversão tendo como propósito mudar as características de exclusão, seletividade, agressividade e exacerbação da competitividade dos jogos ocidentais (ORLINK, 1989).

Os jogos proporcionam aos alunos a possibilidade de mudanças comportamentais em relação à realidade em que vivem (SALVADOR e TROTE, 2001).

 Para Aguiar (2003), os JC podem ser uma ferramenta responsável para a vivência e a criação não só de um novo cidadão, mas também de uma nova sociedade.

Valores culturais como a cooperação e a competição são comportamentos ensinados e aprendidos por meio das relações sociais provenientes da educação formal ou informal, pela qual o indivíduo será influenciado a competir ou a cooperar com os seus pares (SOLER, 2003).

Os jogos cooperativos representam uma abordagem filosófico-pedagógica criada para a promoção de uma nova ética de cooperação, visando à melhoria da qualidade existencial. Foram organizados de maneira a atenderem à necessidade de promoção de habilidades interpessoais e de auto-estima, possuindo uma estrutura que favorece o jogo com o outro e não contra o outro (BROTTO, 2001).

Segundo Orlick (1989) o professor tem uma maior oportunidade de trabalhar valores humanos durante as aulas, estimulando uma prática voltada para habilidades humanas e não habilidades de desempenho.

 Soler (2002) destaca algumas habilidades desenvolvidas pelas crianças quando se insere os jogos cooperativos na disciplina de educação física, destacam-se :

* Habilidades intelectuais como; imaginar, perguntar, concentrar, decidir e adivinhar.
* Habilidades interpessoais como; encorajar, explicar, entender, retribuir e ajudar.
* Habilidades em relação aos outro como; respeito, apreciação, paciência, positivismo e apoio.
* Habilidades físicas; falar, ouvir, observar, coordenar e escrever.
* Habilidades pessoais; alegria, compreensão, discriminação, entusiasmo e sinceridade.

Para o sucesso do desenvolvimento dessas habilidades é fundamental que o professor esteja atento para atividades saudáveis e cooperativas. O professor deve ser capaz de seduzir sem hipnotizar, não apenas com seus conhecimentos científicos, mas com a arte de persuasão (SAVATER, 1998). O educador deve buscar uma postura que contemple o ensino de valores (CARVALHO, 2003).

Kamii et all (1991) evidencia a capacidade dos jogos em provocar contatos corporais, alternância dos estados de tônus muscular, o desenvolvimento postural e a regulação dos estados afetivo-emocionais, enriquecendo sobremaneira a construção da personalidade.

Um estudo realizado por Gottschaldt e Frauhauf- Ziegler (1958) relatou que crianças de dois a três anos não mostram comportamento cooperativo, enquanto as de três a quatro anos realizam cooperação parcial em trabalhos direcionados a uma meta comum e as de quatro a seis anos realizam cooperação completa em trabalhos direcionados a uma meta onde cada uma tem um comportamento de auxílio. Para esses mesmos estudiosos, o desenvolvimento da cooperação é diferenciado em atitudes sociais da criança e depende do nível psicológico de maturidade e também da influência pedagógica sobre os mesmos.

Estudo feito por Janot (2001) evidencia a possibilidade do conteúdo dos jogos cooperativos para a possibilidade de educação baseada no respeito e na tolerância da diversidade. O aspecto mais importante foi a ajuda mútua dos alunos.

Baseado na divisão de classes Salvador et al. (2001) buscaram reestruturar suas práticas pedagógicas com um projeto. Elegeu os jogos cooperativos como atividade para oferecer aos alunos experiências e mudanças comportamentais em relação ao contexto e à realidade em que viviam. Encontrou nos jogos cooperativos uma forma de discutir, nas aulas de Educação Física, outras formas de relações de poder, de regras, de convivência e de jogar.

Outra variável discutida sobre a influência no comportamento foi o sexo, porém nos poucos estudos realizados os estudiosos não tiveram muito êxito. Nelson e Madsen (1969) em estudo realizado, não encontraram diferenças sexuais para a variável em crianças de quatro anos.

Correia (2004), diante de experiências vividas em escolas públicas, apresenta a importância dos jogos desenvolvidos durante o ensino fundamental. Para esse professor durante esse período é importante que o educador tem a oportunidade para questionar com os alunos paradigma da competição e pensar a perspectiva da cooperação, diante disso levantar discussões sobre relações e questões sociais.

Independentemente do jogo desenvolvido durante as aulas, o professor deve reduzir o poder do adulto, dar tempo às crianças e incentivar a cooperação entre elas (KAMII E DEVRIES, 1991).

O professor deve trabalhar seus alunos de maneira que as diferenças não representem obstáculos para uma convivência harmoniosa do grupo, respeitando as individualidades existentes (VAGO, 1995).

Bechelli (2005 p.22) relata que

“Se o professor elaborar uma aula com características cooperativas, mas incentivar seus alunos através de aspectos competitivos, os mesmos não terão condições de assimilar aspectos como solidariedade, criatividade, alegria, entre outros fatores que correspondem aos princípios destas atividades. “

Aspectos como formas de motivação, construção dos valores, atitudes, valorização de resultados, entre outros fatores determinarão a compreensão por parte dos alunos dos verdadeiros objetivos dos jogos cooperativos.

**4- Conclusão**

Na escola todas as crianças independentemente de suas condições físicas, mentais e sociais, devem ser tratadas com igualdade. A disciplina de Educação Física também não deve ser diferente, deve propor atividades que estejam voltadas às ações cooperativas tornando-se um diferencial para a transformação qualitativa do ambiente de ensino, favorecendo, inclusive, a integração professor, aluno e comunidade.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Educação Física (2006), os Jogos

Cooperativos devem ser trabalhados nas aulas dessa disciplina, visando a não subordinação de um sujeito sobre os outros.

Sendo assim, o espírito de equipe deve ser enfatizado. Os alunos deverão ser

conscientizados de que todos têm sua importância, independente das dificuldades individuais.

**5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. **ABRAMOVAY**, Miriam. **Escola e Violência**. Brasília: Unesco, UCB, 2002.
2. **ABRAMOVICH**, F. *O professor não duvida! Duvida?*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
3. **AMARAL**, J. D. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2007.
4. **BALIULEVICIUS**, N.L.P.; MACÁRIO, N.M. **Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico**. Fitness & Performance Journal, v. 5, nº 1, p. 48 - 54, 2006.
5. **BECHELLI**, Gisele. **Resgatando os valores universais através dos jogos cooperativos**. Santos, 2005. 105 f.
6. **BOURDIEU**, P.& PASSERON, J.C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982.
7. **BROTTO**, F.O. Jogos **cooperativos: se o importante é competir fundamental é cooperar!** Santos: Re-Novada, 1999. 2ºed.
8. **BROTTO**, Fábio Otuzzi.Se o importante é competir, o fundamental é cooperar!. Santos- SP: Edição Re- Novada,2001.
9. **BROUGÉRE**, Gilles. **Jogo e Educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
10. **CANOTILHO**, Eloá Houneaux. **Educação Física transformadora: concreta, viva e significativa.** 2006. Monografia (especialização em esporte escolar)- Centro de ensino a distância, Universidade de Brasília, São Paulo, 2006.
11. **CARVALHO**, Frank Viana. **Pedagogia da cooperação**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2003. 210p.
12. **CHARLOT**, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Rio Grande do Sul, jul/dez.n.8, p.432-442,2002.
13. COOK, H. e STINGLE, S. **Cooperative Behavior in Children. IN: Psychological Bulletin**, 1974, Vol. 81, nº 12, 918-933.
14. **CORREIA,** M. M. Jogos cooperativos na escola: possibilidades e desafios na Educação Física escolar. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, UNIG, Nova Iguaçu, 2004.
15. **CORREIA**, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos: em busca de novos paradigmas na educação física**. Campinas: Papirus, 2006 a.
16. **CORREIA**, M. M. **Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164. 2006b.
17. **CORREIA**, M. M. **Jogos cooperativos e educação física escolar: possibilidades e desafios.** **Digital**, Buenos Aires, ano 12,n. 107, abril, 2007.
18. **CORTEZ**, Renata do Nascimento Chagua. **Sonhando com a magia dos Jogos cooperativos na escola**. **Motriz,** v.2, no.1, junho,1996.
19. **CORTEZ**, R. do N. C. **Sonhando com a Magia dos Jogos Cooperativos**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, 1999.
20. **FALCÃO**, Paula. **Criação e adaptação de jogos em T & D**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003. 79p.
21. **FERREIRA**, Vanja. Educação Física, recreação, jogos e desportos. Rio de Janeiro: Sprint,2003.
22. **FONTANELLA**, F. C. O corpo no limiar da subjetividade. Piracicaba: Editora da Unimep, 1995.
23. **FREIRE**, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.
24. **HUIZINGA**, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1971.
25. **JANOT**, J. B. **Juegos Motrices Cooperativos**. 2a Ed. Barcelona: Paidotribo, 2001.
26. **KAMII**, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil. Implicações da Teoria de Piaget**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
27. **MELLO**, Alexandre M. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis**. São Paulo: IBRASA, 1989.
28. **ORLICK**, Terry. **Vencendo a competição**. Tradução: Fernando J.G. Martins. São Paulo: Círculo do Livro 1989.Tradução de: Winning through cooperation.
29. **PIAGET**, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
30. **SANTO**, Wecisley Ribeiro do Estpírito et alii. Os Jogos Cooperativos e a apologia da fraqueza: reflexões nietzsheanas. **Anais** do IX Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: Universidade Federal Fluminense-Departamento de Educação Física, 2005.
31. **SENGE**, P. M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. São Paulo: Best Seller, 1994.
32. **SOLER**, R. **Jogos cooperativos para educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
33. **VAGO**, Tarcísio Mauro. Educação Física, um olhar sobre o corpo. **Presença Pedagógica**, n. 2, p. 65-70, março/abril 1995;
34. **VYGOTSKY**, L. A. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo, Martins Fonte, 1998.